

TECENDO A UNIDADE POLÍADE: UMA REFLEXÃO ACERCA DAS GRANDES PANATENÉIAS (411 A.C.) HAVING POLYAD UNITY: A REFLECTION ON THE GREAT PANATHENEIAS (411 B.C.)

Marina Outeiro³⁶

Artigo recebido em 30 de junho de 2023
Artigo aceito em 26 de março de 2024

Resumo: Tencionamos propor uma reflexão acerca das possíveis formas de participação feminina na festividade cívico religiosa, as Grandes Panatenéias, realizadas em Atenas durante o século V a.C., mediante o arcabouço teórico da História Política e dos pressupostos advindos da perspectiva da cultura política.

Palavras-chave: grandes panatenéias; mulheres; tecelagem; cultura política

Abstract: This article endeavours to propose a reflection about the possible forms of female participation in the religious civic celebration, the Great Panathenias, held in Athens during the 5th century BC, through the theoretical framework of Political History and the presuppositions derived from the perspective of political culture.

Keywords: great panathenias; women; weaving; political culture

1. Questões preliminares:

Propomos uma reflexão acerca da participação feminina em um dos festivais cívicos religiosos mais significativos do calendário ateniense do século V a.C., as Grande Panatenéias. Celebrada pela comunidade ática a cada quatro anos, foi uma suntuosa festividade destinada a

³⁶ Doutora em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH-UERJ). Orcid (<https://orcid.org/0000-0003-4965-792X>).

comemorar o aniversário da protetora da Ática e patrona de Atenas, a deusa Palas Atenas.

Os atenienses possuíam diversos festivais e sacrifícios mensal e anualmente, mas quando se tratava de um festejo cívico, mesmo as funções políticas eram momentaneamente suspensas em nome dos “acontecimentos religiosos e alguns dos mais importantes festivais da cidade envolviam todos os membros da população, tanto escravos como homens livres, cidadãos e *métoikos* (metecos)” (JONES, 1997, p.119).

Por ocasião das Grande Panatenéias a comunidade ática presenteava a imagem devocional de Palas Atena com um belíssimo peplos (πέπλος³⁷) confeccionado por jovens bem-nascidas.

Por certo, a produção têxtil era fundamental em todos os níveis da existência, pois além das necessidades diárias de vestimenta, eram confeccionados os itens relacionados à cama e móveis decorativos, assim como bolsas, eram materiais domésticos comuns. Em diversas poleis, havia um expressivo comércio de tecidos, sendo Atenas uma exceção quando “não parece ter sido uma comerciante têxtil particularmente ativa. Parece que o foco da produção têxtil em Atenas, atendia necessidades domésticas e rituais” (GILBY, 2021, p.189).

Assim, nosso questionamento: confeccionando o peplos cerimonial da imagem de Palas Atenas e atuando nos rituais das Grande Panatenéias, estariam as mulheres participando, ainda que de forma indireta, desse importante evento da vida política da polis?

Ao longo do século V a.C., em Atenas, se consolida gradualmente um tipo inédito de Estado manifesto em uma estrutura social ordenada –

³⁷Conforme o Dicionário Grego-Português (v. 4, p.56) “peplo *vestimenta feminina que se colocava sobre outras roupas e que envolvia o corpo inteiro; vestimenta bordada que adornava a estátua de Atena para as procissões das Panatenéias*”.

a polis, que segundo Neyde Thelm, foi simultaneamente “uma unidade política, jurídica, religiosa, cultural, territorial e residencial”, e um tipo de Estado “a *pólis* era uma sociedade politicamente organizada, possuindo um território cívico, uma população, uma Constituição e uma cultura específica, a helênica” (THELM, 1988, p. 33).

Acerca da condição feminina na dinâmica da sociedade ateniense, se considera extremamente loquaz a passagem alusiva à dignidade das mulheres, do discurso fúnebre pronunciado em 431 a.C. por Péricles (ca. 495-2 a.C. – 429 a.C.) que aconselhou as atenienses a manterem se “grande também será a glória daquelas de quem menos se falar, seja pelas virtudes, seja pelos defeitos” (TUCÍDIDES, 45, II). Com essas palavras, o estrategista reforçava o comportamento adequado às mulheres – a observação da modéstia e do silêncio –, amplamente difundido na sociedade ateniense.

Para refletir sobre uma possível participação política feminina sociedade ateniense, buscamos amparo da História Política e nos pressupostos advindos da noção de cultura política. Entendida como um conjunto de percepções, valores, e visões de mundo que uma determinada sociedade desenvolve na conjuntura de uma longa duração.

A cultura política se manifesta através de práticas políticas e se estabelece mediante uma ampla zona de contato entre o político e o cultural, conforme assinala Jean-François Sirinelli “a cultura política é, por sua vez, uma espécie de código e um conjunto de referentes formalizados no seio de um partido ou de modo mais amplamente difundido, no seio de uma família ou tradição política” (SIRINELLI, 1993, p.30).

Enquanto instrumental da História Política, se configura como uma perspectiva adaptável as congruências dos acontecimentos e as

atitudes dos indivíduos e dos grupos, cujos objetivos, ela define. Privilegiar o estudo das culturas políticas, implica na “confirmação e transmissão dessas culturas políticas, em efeito, o passado «revisitado» através da memória culta ou ressurgido através do prisma deformante da memória coletiva” (SIRINELLI, 1993, p.32).

Sob o prisma da cultura política, se torna possível conferir visibilidade a coletividade dos atores sociais e identificar fenômenos sociais e políticos resultantes de suas ações, mormente, o emprego de uma análise que considere estes entes enquanto conjuntos estruturados e permanentes, conforme registra François-Xavier Guerra³⁸.

Pressupondo que a participação feminina na esfera política ateniense, estivesse relacionada aos ritos desempenhados nas Grandes Panatenéias, entendemos ser fundamental compreender as práticas da tecelagem. Desse modo, tomaremos a comédia *Lisístrata* (411 a.C.), como ponto de partida para estudar a realidade ateniense, considerando especialmente, as passagens alusivas ao papel social das mulheres, tecelagem e política.

2. A democracia ateniense

Nos anos iniciais do século VI a.C., a vida política ateniense sofreu uma profunda mudança, iniciada com as diligências propostas por Clístenes, da família dos Alcmeônidas, como reação aos avanços de seu principal opositor, Iságoras – que, à época, ocupava o cargo de arconte. Abertamente favorável aos interesses da aristocracia e orientado pelos princípios solonianos e pisistráticos, Iságoras pretendia restringir

³⁸ “Essas características são precisamente as que definem os atores políticos coletivos reais. Esses conjuntos são justamente um grupo que está estruturado por vínculos estáveis de um certo tipo, possuem suas próprias formas de autoridade e de legitimidade, suas regras de funcionamento interno, seus lugares e formas de sociabilidade; valores, imaginários, linguagens e comportamentos que são próprios; a consciência de um pertencimento comum com uma história e memória coletivas – sejam reais ou construídas – (GUERRA, 1993, p. 236).

participação das massas nos assuntos públicos de modo a garantir o poder aos seus partidários.

Diante da sólida coterie organizada por seu rival, Clístenes buscou apoio no grupo que seria diretamente afetado pelo projeto político oligarca de Iságoras – os homens comuns do campo e da cidade – na manobra que, posteriormente, Heródoto definiria como a tomada do “o povo como seu aliado” (*His.* 5, 66). Em assembleia, Clístenes propôs a divisão das aldeias que compunham a zona rural da Ática em dez tribos – rompendo os antigos laços de parentesco e subordinação, que prendiam os camponeses a autoridade dos grandes proprietários. De acordo com Chester Starr, “Clístenes procurou obter apoio popular por meio da assembleia, e, o que é igualmente importante, a massa de cidadãos atenienses desenvolveu uma consciência política suficiente para capacitá-los ao exercício de suas novas responsabilidades” (STARR, 2005, p. 28).

Nos anos seguintes as reformas clistenianas (ca. 508-07 a.C.), a assembleia conquistou maior protagonismo na vida política de Atenas, a medida em que as principais questões da polis passaram a ser submetidas ao debate e arbítrio dos cidadãos nela reunidos. Em termos materiais, a intensificação da vida política, trouxe a necessidade de reformular o espaço urbano – especialmente a ágora – em decorrência do maior uso dos edifícios cívicos³⁹.

Enquanto forma de autogoverno, o modelo político de inspiração clisteniana, se orientava pelo princípio da isonomia ao assegurar a igualdade de todos perante a lei e, assim, viabilizando a participação

³⁹ “[...] a Câmara do Conselho (*bouleutérion*), para o conselho do comitê diretor (*boulē*) da assembleia (*ekkēlsía*), o Tribunal (*Éliaia*), ao qual eram feitos os apelos, um edifício com colunas (o Pórtico do Rei) para o funcionário da cidade (*árkhon rei*) cuja principal função era a justiça [...] Uma prisão (*desmotérion*) para os que deviam à cidade e os que estavam à espera de julgamento foi erguida, em meados do século V, ao lado da estrada que levava para sudoeste desde a *agorá* até a *Pnix*” (JONES, 1997, p. 84).

direta do cidadão. Todavia, Mossé afirma que “Clístenes não criou a democracia ateniense, mas as condições que permitiriam seu nascimento, tornando os cidadãos semelhantes perante a lei, lei que a partir de então, seria uma expressão da vontade do demos” (MOSSÉ, 1971, p.23). Em entendimento semelhante Josiah Ober, sustenta que “a democracia passa a existir a partir da capacidade do demos de agir como um agente histórico coletivo. Em Atenas, isso aconteceu quando ‘eu, o povo’ fez algo importante, cercando um rei espartano por três dias na acrópole ateniense” (OBER In RAAFLAUB, 2007, p.84).

Desde a sua instituição, o autogoverno isonômico de Atenas – impulsionado pelas ações de Clístenes e concretizado pela união das massas rurais e urbanas da Ática – conviveu com a sombra do regime que sucedeu. Especialmente saudosos dele, eram os membros da aristocracia fundiária e, portanto, os principais detratores da nova organização política, por estarem convencidos de que se tratava do governo de pessoas inferiores sobre seus superiores.

Conquanto as críticas internas, nas primeiras décadas do século V a.C., o modelo de organização popular dos atenienses, foi posto à prova, com a expansão do Império Persa em direção ao Mar Egeu. Embora em 490 a.C., as hostes atenienses tivessem atuado decisivamente para a vitória grega em Maratona, ao longo dessa década a “política ateniense ficou nas mãos das grandes famílias e que, embora respeitando as formas constitucionais, continuaram a se autodestruir em meio a querelas inúteis” (MOSSÉ, 1971, p.26).

Malgrado as disputas políticas entre os segmentos aristocráticos, o governo de orientação popular aprofundava suas raízes na polis dos atenienses – cada vez mais afeitos ao uso e a autoridade da assembleia.

Nos anos seguintes, a instituição inaugurou uso do sistema do ostracismo⁴⁰ e, sob a influência de Temístocles, decidiu empregar o caudaloso veio de prata descoberto no Láurio, na construção de uma frota. Nesse sentido, Ober⁴¹ identifica uma relação direta entre o êxito das políticas isonômicas e a criação de uma força marítima sem precedentes no mundo grego.

Com o passar dos anos, Atenas instituiu rígidas leis de cidadania, mormente, a expedida por Péricles em 451 a.C., na qual somente os homens que fossem filhos de mãe e pai ateniense poderiam ser considerados cidadãos. Diante das novas exigências legais, somente as filhas e esposas de cidadãos eram reconhecidas como verdadeiras atenienses.

De fato, é de notório conhecimento que as atenienses, a despeito de sua condição socioeconômica, não possuíam direitos civis ou políticos na Atenas do século V a.C. e atravessavam a existência como “eternas menores”, conforme apontou Claude Mossé⁴².

Entretanto, não é possível afirmar que a presença das atenienses fosse totalmente rejeitada pela comunidade – posto que, ao atuarem

⁴⁰ “Como uma medida permanente contra os pretendentes à tirania, Clístenes instituiu o sistema do ostracismo. Na agenda da sexta pritania, a cada ano a assembleia votava se haveria ou não um ostracismo; se assim fosse decidido, os cidadãos se reuniam na Ágora e carregavam cacos de cerâmica (*óstraka*) com o nome de um político que desaprovassem ou temessem. [...] O homem que recebesse mais votos era devidamente punido com uma pena de exílio de 10 anos, embora não perdesse seus direitos de cidadão” (STARR, 2005, p. 30).

⁴¹ “[...] por moção de Temístocles, os atenienses decidiram não distribuir as receitas de uma providencial jazida de prata, individualmente aos cidadãos, mas dedicar os fundos à construção de um número gigantesco de trirremes [...] em 480, Atenas foi capaz de contribuir com 180 navios para a batalha de Salamina. As condições necessárias para uma grande frota políade, incluíam não apenas uma certa quantidade de capital utilizável (a prata), mas também a capacidade de treinar um grande corpo de construtores navais e uma grande quantidade de mão de obra confiável para tripular os próprios navios” (OBER In RAAFLAUB, 2007, p. 99).

⁴² “A mulher ateniense é certamente uma eterna menor, e essa minoria é reforçada pela necessidade que ela tem de um tutor, um *kyrios*, ao longo da vida: primeiro o pai, depois o marido, e se ele morrer antes dela, o filho dela, ou seus parentes próximos na ausência de seu filho” (MOSSÉ, 1990, p. 55).

nas festividades cívico-religiosas ou concebendo filhos legítimos, contribuía para a continuidade dinâmica políade. Nesse sentido, Marta Andrade⁴³ defende que as atenienses transitavam entre duas polis, a institucional e a cotidiana.

Para analisar as relações entre os e as atenienses na comunidade políade clássica, salientamos o conceito de gênero, que viabiliza assimilar a dinâmica das relações de poder travadas entre homens e mulheres, como “uma partilha cultural que se tem até recentemente considerado como fundamental entre o universo masculino e o feminino, separando os corpos e opondo-os entre si” (RAGO, 1998, p.92).

Ao longo da Antiguidade, a vida social se organizou mediante uma divisão binária e biológica que atribuiu as mulheres e aos homens, diferentes identidades de gêneros, “um modelo internacionalmente reconhecido de valores, comportamentos e crenças diferenciados para cada sexo” (MARTI, 2003, p. 60). A partir disso, foram estabelecidos os papéis e as esferas de atuação, manifestos nas qualidades, comportamentos e funções desempenhados por pelas mulheres e os homens.

Em Atenas, como em grande parte da Grécia, a polis estava organizada mediante a existência complementar e simultânea dos domínios público e privado⁴⁴. Sob as imposições da divisão binária, os e as atenienses se dividiam para ocupar a rua e da casa, exercendo suas respectivas atividades.

⁴³ “As mulheres transitavam entre as duas cidades: aquela dos ‘incluídos’, dos cidadãos e suas famílias, e a dos outros, aqueles que habitavam um lugar conhecido como Atenas ou um território como a Ática, sem, no entanto, se ligarem a ele pelos laços exclusivistas da cidadania”(ANDRADE, 2001, p. 5).

⁴⁴ “Em Atenas, a construção social do espaço público estava intimamente ligada à emergência de um plano político no qual a política operava no nível de abstração cada vez mais rigoroso e geometrizado. Isto se fazia pela participação ativa dos cidadãos, no poder que possuíam de comandar, deliberar, decidir e julgar. O espaço privado ficava ligado à individualidade e a vida doméstica” (THEML, 1988, 22).

Assim, o *oĩkos* (οἶκος⁴⁵) foi tradicionalmente considerado o espaço das mulheres, que respondiam por sua administração em todos os níveis: na dupla função de esposa e mãe, deveriam garantir sua prosperidade material e imaterial. Consideramos particularmente ilustrativas as palavras de Cleonice⁴⁶, a respeito das ocupações femininas cotidianas.

Dessas, a tecelagem, se destacava como o trabalho feminino por excelência, por congregar “os vários papéis de mãe, provedora, trabalhadora, administradora e artista, pelo que a produção e dedicação ritual dos peplos demonstram a importância das responsabilidades femininas” (HÁLAND, 2004, p. 155).

Com exceção das exigências de participação nos ritos cívico-religiosos, as atenienses deveriam levar seus dias conduzindo ou realizando pessoalmente, os trabalhos do lar. A negação da cidadania plena às mulheres era completada pela celebração da vida reclusa ao ambiente doméstico – fossem bem-nascidas ou plebeias.

A esfera da prática política da Atenas Clássica, manifestava de forma particularmente nítida o funcionamento das relações entre homens e mulheres, na qual a primazia do masculino, presente nos princípios e legislações, encontrava poucos paralelos na Grécia. Nesse sentido, Claude Mossé, assinala que “a qualidade de cidadão levava implícito, com efeito, o exercício de uma função, quer era fundamentalmente política, de participação nas assembleias e nos tribunais de onde estavam excluídas as mulheres” (MOSSÉ, 1990, p.54-55).

⁴⁵De acordo com o DGP (v.3, p. 217) ‘casa’, ‘habitação’, ‘moradia’, mas também ‘família ou estirpe real’.

⁴⁶“Você sabe como é difícil para a mulher sair de casa. Uma deve ter estado muito ocupada com o marido; outra teve de acordar a empregada; outra deve ter tido de fazer as crianças dormirem; outra teve de lavá-las; outra deve ter tido trabalho com o mingau” (Lis.n.p)

Na democracia os integrantes do corpo de cidadãos ativos – homens livres filhos de pai e mãe atenienses – dispunham de vários direitos exclusivos relacionados a garantias materiais, civis e religiosas; o voto, entretanto, foi largamente reconhecido como apanágio primordial da cidadania, “o direito ao voto, noutras palavras, significava, acima de tudo, o direito de votar num corpo legislativo ou judiciário, e não meramente participar de uma eleição” (FINLEY, 1998, p. 35).

O sistema democrático assegurava aos cidadãos participação direta e equânime nas tomadas de decisões acerca do destino da polis, concretizada mediante o voto e ao discurso que, em via de regra, se concedia a todos. Entretanto, na prática, as distinções de classe econômica afetavam sensivelmente as decisões políticas, de modo que a Assembleia ateniense era efetivamente liderada por famílias ricas que agiam segundo a promoção de seus interesses.

Em uma polis inclinada para a loquacidade, se observa o destaque atingindo por alguns indivíduos cujas habilidades oratórias – talentosa ou onerosamente adquiridas – além de garantirem sua participação direta nas decisões políticas, lhes permitiam conquistar significativa e duradora influência sobre a sensibilidade dos atenienses.

Nesse sentido, a ação arrojada de Lisístrata que, ao incentivar a intervenção direta das mulheres da Grécia nos assuntos da Guerra do Peloponeso, chegou a propor que as esposas passassem a administrar o Tesouro Público, tal como administravam os bens da casa⁴⁷.

3. Atenas em festa: a celebração das Grandes Panatenéias:

⁴⁷COMISSÁRIO: E você? Que é que vai fazer? LISÍSTRATA: Você ainda pergunta? Agora somos nós, mulheres, que vamos administrar os dinheiros públicos. COMISSÁRIO: Vocês vão administrar o Tesouro? LISÍSTRATA: Que há de estranho nisso? Não somos nós que administramos os bens de vocês em nossas casas? (Lis. n.p.)

Em meio a um expressivo calendário cívico-religioso, as Panatenéias certamente foram jubilosas para comunidade ática que, nessas ocasiões, se reunia para festejar o aniversário da deusa Palas Atena. Embora se tratasse de uma celebração anual, a cada quatro anos, eram realizados festejos de proporções magnificentes denominados Grandes Panatenéias.

Moradores de todas as partes da Ática, rumavam para Atenas para tomar parte das procissões, sacrifícios e jogos realizados em honra a sua patrona divina e, desse modo, garantir a manutenção dos vínculos espirituais da humana comunidade com Palas Atena. De fato, se tratava de uma celebração que atuava como “um reforço do sentimento de ‘ser ateniense’, onde quer que se vivesse, na Ática ou no ultramar, do sentimento de ser diferente dos demais gregos não-atenienses e superior a eles” (JONES, 1997, p.123).

Para compreender o significado político e cultural destes festejos para a coletividade da polis, a noção de imaginário permite acessar as maneiras de contemplar, sentir e expressar o mundo das diversas sociedades. Tendo em vista, os usos do imaginário social no exercício e disputas pela hegemonia política, Bronislaw Backzo assinala que todas as sociedades elaboram conjuntos de representação e símbolos de modo a conferir sentido ao real, mediante o ao emprego de discursos, imagens, ritos e materialidades, enfim, expedientes aparentemente cotidianos que, no entanto, orientam a existência – individual e coletiva⁴⁸.

Considerando nosso objetivo de analisar a relação festival das Grandes Panatenéias, a tecelagem e a participação feminina,

⁴⁸ “A existência e as múltiplas funções dos imaginários sociais não deixaram de ser observadas por todos aqueles que se interrogavam acerca dos mecanismos e estruturas da vida social e, nomeadamente, por aqueles que verificavam a intervenção efetiva e eficaz das representações e símbolos nas práticas colectivas, bem como na sua direcção e orientação”(BACKZO,1985, p.299).

privilegiamos o conceito de imaginário político, para contemplar a relação entre a sociedade e seus mitos políticos.

Acreditamos que as metáforas entre tecelagem e a política, não fossem estranhas ao repertório cotidiano dos atenienses. Afinal, ao ser indagada pelo Comissário sobre como levaria a termo a desordem que assolava Atenas, Lisístrata responde por meio de uma detalhada comparação entre o governo da polis e a execução de um bordado⁴⁹.

Nesse sentido, Raoul Girardet os compreende enquanto um conjunto de identidades, símbolos e linguagens, que expressam construções mitológicas de caráter político, “o mito político é fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real. Mas, narrativa legendária, é verdade que ele exerce também uma função explicativa, fornecendo certo número de chaves” (GIRARDET, 1987, p.13).

Desse modo, somente mediante a análise da relação entre Palas Atena, o território ático e, especialmente, Atenas, se torna possível compreender as prerrogativas cívicas e religiosas existentes e manifestas nas celebrações das Grandes Panatenéias.

Palas Atena, filha da deusa Métis – “mais sábia que os Deuses e os homens mortais” (Teog. 887) – e de Zeus, conquanto seu aspecto bélico era a deusa da inteligência e da razão que, presidindo diversas atividades intelectuais, igualmente possuía grande inclinação para os ofícios manuais, posto que “com o título de Ergáne, ‘Obreira’, que ela coordenava os trabalhos femininos de fiação, tecelagem e bordado” (SOUZA, 2011, p. 2).

⁴⁹ “LISÍSTRATA: Primeiro, só usaríamos a linha dura. Depois, é tanta gente querendo ocupar os cargos públicos que é como se se quisesse enfiar uma porção de linhas ao mesmo tempo no buraco de uma agulha só. Isso não vai mais acontecer! Só entra na agulha linha fina. Linha que pretenda engrossar não entra! Mas para os esforços maiores cada um terá de cooperar com sua linha até formarmos uma corda bem forte, obra da boa vontade de todos, nacionais e estrangeiros. Mais ainda: com muita linha poderemos fazer tecidos para vestir o povo todo!” (Lis.n.p)

Se acreditava que, no passado, Posêidon e Palas Atena teriam disputado o domínio sobre a Ática, quando cada divindade ofereceu a região um benefício: o deus fez surgir uma fonte de água salgada, e a deusa plantou uma oliveira, e a disputa acabou sendo encaminhada a Zeus que nomeou os árbitros, “em uma tradição, eles eram Cécrops e Crânao, também rei da cidade, em outra, os deuses do Olimpo. O tribunal decidiu em favor de Atena porque Cécrops declarou que ela foi a primeira a plantar uma oliveira na Acrópole” (GRIMAL, 1986, p.67).

Ao vencer a disputa e garantir sua ascendência sobre a o território, Palas Atena ainda deu seu nome a polis mais proeminente da Ática: Atenas, reafirmando sua aliança com Cécrops e sua linhagem. Em outro episódio, desejando armas estilizadas, a deusa procura Hefestos que tenta viola-la “sendo uma virgem casta, não poderia se submeter a ele, e ele deixou cair seu sêmen na coxa da deusa. Com repugnância ela se limpou com a lã e a atirou ao solo; e enquanto fugia, o sêmen tocou o solo, gerando Erictônio” (GRIMAL, 1986, p.67).

Após seu nascimento, Palas Atena recolheu o bebê e para o ocultar dos deuses, o colocou em um cofre que confiou as filhas do rei Cécrops, ordenando para que não o abrissem; vencidas pela curiosidade, as jovens o abriram e fugiram apavoradas ao vislumbrarem Erictônio - que possuía os membros inferiores de serpente.

Transcorrido esse incidente, a deusa decidiu educar o filho, o levando para seu templo, na Acrópole; quando Erictônio alcançou a maioria, recebeu a coroa de Cécrops e passou a reinar sobre Atenas. De acordo com a tradição, se atribui a Erictônio, “a invenção da carruagem de quatro cavalos, a introdução, na Ática, do uso da prata e a organização das Panatenéias, o festival anual em comemoração à Atena” (GRIMAL, 1986, p. 141).

O mito acerca do nascimento de Erictônio, reforçava os laços de Palas Atenas com o território ático e sua principal polis, amparando a pretensão ateniense por uma autoctonia inquestionável. Os atenienses se orgulhavam de sua suposta origem, enquanto nascidos da própria terra da Ática, e nesse sentido a cidade “Atenas a admirável, cujos filhos podem se dizer puramente grego, pois atenienses por quintessência, e puros de qualquer mistura” (DETIENNE, 2004, p. 61).

De acordo com Girardet, a fluidez e a imprecisão de contornos que caracterizam o mito político, cuja dinâmica deve ser compreendida enquanto “série de imagens oníricas pode encontrar-se vinculada por mitos aparentemente os mais diversos; é preciso entender que um mito é suscetível de oferecer múltiplas ressonâncias e não menos numerosas significações” (GIRARDET, 1987, p.15).

A partir da preferência de Palas Atenas pelo território ático, o patronato que a deusa exercia sob Atenas e do nascimento de Erictônio, os atenienses elaboraram uma narrativa mítica que ordenou e conferiu sentido e excepcionalidade – que se materializava nas celebrações das Grandes Panatenéias – e que expressava sua identidade política dentro da unidade territorial grega. Admitida como a festividade de maior alcance e solenidade, congregava toda a população da ática sob a precedência dos atenienses, para juntos, honrarem o nascimento da deusa.

Conquanto a organização desta festividade fosse atribuída a Erictônio, Tucídides (*Guerra do Peloponeso*, 2.4) registra que Grandes Panatenéias teriam sido comemoradas pela primeira vez em 556/5, foi sob o arcondato dos *Philaidai*. Uma tradição alternativa, aponta Pisístrato como responsável pela criação dos *Megala Panatenaia* (Grandes Panatenéias) o festival quadrienal cujo estabelecimento se encontraria relacionado com “o templo de Athená seria construído em 560 e

associado com a reorganização das Grandes Panatenéias” (GOMES, 2015, p.138).

Na Atenas Clássica, é possível testemunhar como o sistema religioso procurou se harmonizar com a ideologia política da polis, na medida em que promovia o equilíbrio dos valores exaltados pela comunidade, a harmonia entre os indivíduos, suas relações com a natureza, os deuses e os mortos.

Embora a sociedade ateniense possuísse um notório caráter agonístico⁵⁰, a vida na polis demandava homogeneidade e coesão, de modo que se se buscava evitar cismas e dissidências. Assim, a comunidade políade se empenhava em estabelecer uma ordem política que incentivasse o bem da polis. O caráter e a finalidade da religião em Atenas, residia em “consagrar o modelo de uma sociedade reconciliada consigo mesma, onde o homem religioso virá a confundir-se com o cidadão, a celebração da divindade com a da cidadania” (GIRARDET, 1987, p. 147).

Buscando promover o equilíbrio entre os mortais e imortais, as festividades religiosas realizadas sob os auspícios da polis de Atenas, conferiam materialidade as ritualísticas e mitos, que respaldavam o vínculo entra comunidade e os deuses.

Durante as festividades havia músicas, procissões, uso de máscaras, banquetes, sacrifícios, danças, libações e mesmo, flagelos, não sendo incomum a ocorrência de situações de excessos que, regularmente, jamais seriam tolerados. Em algumas festas, se verificava uma consciente inversão da ordem políade sem, contudo, colocá-la em risco, visto que, “ideologicamente essas festas eram necessárias como meio de aliviar as

⁵⁰ Expressão que se remete ao termo grego *agônizomai* (ἀγωνίζομαι) que significa, conforme o Dicionário Português Grego (v. 1, p. 11) “concorrer; disputar; lutar; combater por algo; esforçar-se”.

tensões sociais e promover a integração e a identidade cultural" (THELM, 1988, p.56).

Esse sistema de festas atenienses, ao promover os princípios religiosos e cívicos da comunidade e permitir a vazão coletiva das inquietações sociais, manifestava uma vontade de comunhão que, segundo Girardet, também implicava na "eliminação de todos os fatores individuais ou coletivos de diversidade, de não-conformidade: a festa deve apoderar-se da totalidade da existência de cada um para levá-lo a perder-se na imensidão do fervor coletivo" (GIRARDET, 1987, p. 149).

As Grandes Panatenéias eram celebradas durante o verão, sendo iniciadas no dia 28 do mês de *hekatombaion* (aproximadamente julho) que além de ser o primeiro mês do calendário ateniense, compreendia a data admitida como sendo a do nascimento de Palas Atena.

Os festejos se iniciavam com um banquete público, do qual participavam todos os membros da comunidade ática presentes em Atenas. Diversas práticas agonísticas, como jogos esportivos, apresentações corais, danças guerreiras, corridas de quadrigas, *performances* musicais e declamatórias, eram realizadas e os vencedores eram premiados com vasos especialmente produzidos para as Grandes Panatenéias, cheios de azeite feito das oliveiras consagradas a Palas Atenas.

Arrematando as festividades, se seguia a oferta – a imagem devocional da deusa – de um magnífico peplo que, não somente simbolizava a reverência da comunidade ática por sua deusa patrona, como igualmente rememorava a participação decisiva de Palas Atenas durante a Titanomaquia⁵¹.

⁵¹ Guerra travada entre os titãs, sob a liderança de Cronos, e os deuses olímpicos guiados por Zeus.

4. Tecendo a unidade

Na tradição grega, a tecelagem se constituía em um domínio reivindicado por Palas Atena que, generosamente, iniciou Pandora, a primeira mulher, na arte de tecer urdiduras⁵² (Tr. 64) e mesmo, chegando a punir Aracne pela ousadia de tentar superá-la nos nestes trabalhos⁵³.

Portanto, para os atenienses, nada mais adequado que apresentar sua deusa patrona, com um primoroso peplo tecido pelas mãos das jovens e mulheres provenientes do mais elevado estrato social da polis.

Integrar o grupo de trabalhadoras das Grandes Panatenéias, gerava uma série de desdobramentos sociais e políticos, tanto em nível social como coletivo – para a jovem, promovia suas habilidades e virtudes, auxiliando no arranjo de um casamento vantajoso. E, para sua família, casar uma filha possibilitava aprimorar sua influência social, mediante o reforço ou a criação de alianças com grupos familiares aliados ou mesmo, rivais.

Ao atingirem sete anos de idade, as jovens atenienses se achavam aptas a participar em diversos rituais cívicos em honra a Palas Atena e Ártemis. Se tratando das Grandes Panatenéias, haviam três categorias de participante: as canéforas, arréforas e ergastinas.

⁵² Em *Os trabalhos e os dias* de Hesíodo narra, entre outros acontecimentos, a criação da mulher. Deuses como Hefestos, Afrodite e Hermes contribuíram para sua materialização e Zeus ordenou a Palas Atena que “que lhe ensinasse trabalhos, a tecer uma urdidura cheia de arte” (Tr. 64).

⁵³ “[...] Aracne, vaidosa e hábil na tecelagem, não aceitava que se atribuísem seus méritos aos ensinamentos da deusa e a desafiou a um concurso. [...] Atena aceita a competição [...] Atena representa a si mesma vencendo Poseidon na disputa para converter-se em protetora de Atenas, enquanto Aracne descreve com entusiasmo os ardis, o erotismo e as metamorfoses que utilizavam os deuses masculinos. Um trabalho tão perfeito que Atena não encontrou nenhuma coisa para objetar. Aracne ganha a competição e a deusa irada a transforma em uma aranha para que permaneça compulsivamente a tecer” (LESSA, 2011, p. 145-6).

O grupo das canéforas era formado por jovens ínubas, com idade entre 13 e 15 anos, vindas das melhores famílias atenienses e sua função era carregar os cestos que continham itens usados nos sacrifícios – a faca, os grãos e fitas usados no animal. Para Matthew Dillon, Palas Atena e Ártemis, eram as inspirações divinas dessa função, dado que “ambas às vezes são retratadas como canéforas: as canéforas refletem a pureza dessas duas deusas eternamente virgens e participam de um sacrifício puro aos deuses” (DILLON, 2002, p. 38).

A canefória ocupava destaque durante a procissão, atestada por sua presença no friso do Partenon e, segundo observa Louise Zaidman, mais ainda por figurarem na “lista dos beneficiários das partes de honra do grande sacrifício panatenaico, na qual elas são mencionadas ao lado dos «generais e oficiais dos Atenienses que participaram da procissão»” (ZAIDMAN, 1990, p. 420).

As arréforas, da mesma forma, eram meninas bem-nascidas entre sete e onze anos de idade, escolhidas para auxiliar a sacerdotisa de Palas Atenas na confecção de seu novo peplos. Segundo Haland, “a jovem arréfora, enquanto tecia os peplos de Atena, estava sendo preparada, em termos gerais, para suas futuras tarefas femininas” (HÁLAND, 2004, p.156).

Contudo, não eram as pequenas arréforas que efetivamente teciam o peplos ofertado a Palas Atenas; sua função era assistir a sacerdotisa nos preparativos do trabalho, montando o tear e organizando os materiais. O rito da *arrephoría*, marcava o início da vida social feminina, posto que as meninas “escolhidas eram levadas para fora de casa, a serviço da deusa Políade; apresenta-se uma prova relacionada com os mitos fundadores da cidade, no qual o nascimento e os símbolos da sexualidade ocupam um lugar importante” (ZAIDMAN, 1990, p. 417).

Se considerava apropriado que a tessitura do peplo de Palas Atenas fosse realizada por um grupo de donzelas, “um lexicógrafo refere-se as ergastinas como as tecelãs dos peplos e, presumivelmente, devem ser identificadas com as *partenoi* homenageadas nessas inscrições, embora não sejam especificamente referidos como ergastinas” (DILLON, 2002, p. 38)

Para as jovens atenienses, conquanto a honra de ser designada para atuar nas Grandes Panatenéias, se tratava de um rito de passagem que marcava o fim da infância e a chegada da puberdade. Ao servir a deusa patrona da polis, as jovens eram iniciadas nos trabalhos da tecelagem e, igualmente, se tornavam cientes dos deveres que a comunidade políade atribuía as esposas – a gerência da casa e seus trabalhos e a procriação.

Durante a monumental procissão panatenáica que culminaria na entrega do peplo a imagem da deusa, o presente coletivo de todos os habitantes da Ática, a gigantesca comitiva “se deslocava do dêmos do Cerâmico até a Acrópole unido a *ásty* e marcando a identidade dos atenienses”, de modo que “a procissão do *péplos* tomava lugar no Caminho *Panathénaico*, o qual servia como um caminho sagrado na Antiga Atenas” (LESSA, 2004, p. 143).

Ao chegar na Acrópole, uma comitiva reduzida – os dignitários políticos e religiosos de Atenas, representantes das comunidades áticas, a sacerdotisa de Palas Atena, as canéforas, arréforas e ergastinas – realizava sacrifícios nos diversos altares consagrados a deusa, para então, finalmente se colocar diante da estátua da deusa, feita de madeira e em tamanho natural, em seu aspecto mais reverenciado pelos atenienses – Atena Polias. Segundo mencionou Pausânias (1.26.6) “o símbolo mais sagrado, que foi considerado por anos antes da unificação

das freguesias, é a imagem de Atena a qual está sobre o que agora chamam de Acrópole, mas que anteriormente era a pólis". Para compreender a relação da comunidade ática e da população ateniense com a imagem devocional de Atena Polias – que se constitui em seu ícone mais reverenciado – o conceito de representação se mostra pertinentemente apropriado.

Roger Chartier aponta para a duplicidade que caracteriza a representação, em decorrência de duas disposições⁵⁴, admitindo a primeira enquanto substituição material e análoga de um ente, e a segunda, como a relação entre o ícone concreto e o referente por ele significado, que qualifica-se perante a ausência de equilíbrio e uniformidade.

A *raison d' être* das comemorações das Grandes Panatenéias, consistia nesse momento – no ato de presentear a estátua devocional de Atena Polias, que conferia materialidade e reforçava o vínculo entre a comunidade ática, a polis dos atenienses e Palas Atena.

As Grandes Panatenéias promoviam a reafirmação dos princípios morais, religiosos e políticos de Atenas, ao mesmo tempo com que expressavam o desejo comunal de uma polis, à "imagem de harmonia, de equilíbrio e efusão: a de uma sociedade Una, indivisível, homogênea, para sempre protegida das perturbações e discórdias" (GIRARDET, 1987, p. 155-156).

O peplo era então exposto e ofertado a para a estátua de Atena Polias, pelo arconte-rei⁵⁵ que em seguida, nela o vestia, "essa investidura

⁵⁴"[...] por um lado, a representação como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro, a representação é instrumento de um conhecimento imediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma «imagem» capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é" (CHARTIER, 2002, p.20)

⁵⁵"Haviam um total de nove arcontes. Eram escolhidos por sorteio e passavam a fazer parte do Areópago ao final de seu mandato. No início eram as autoridades mais importantes da cidade. Após o século VI passaram a ter funções religiosas e judiciais" (JONES, 1997, p.370).

de Atena Polias era o ato central da festa”; visto que, conjuntamente as práticas ritualizadas de sacrifícios a “tecelagem ritual, destinada a produzir a vestimenta para a divindade políade, ‘senão para o povo’, a partilha sacrificial visava mostrar e fazer viver a unidade social e política” (SHEID; SVENBRO 2010, p. 23).

Destarte, em virtude da celebração das Grandes Panatenéias as práticas da tecelagem extrapolavam os limites do *oïkos*, e se tornavam tema de interesse para toda a comunidade políade; da esposa diligente, trabalhando na intimidade doméstica na companhia das servas ou parentes, para as jovens nubentes e aristocráticas que fiam e tece para o benefício de Atenas, se trata de uma alteração insólita.

Isto porque, o em si tear – principal instrumento da tecelagem – se configurava como um signo de interioridade devido a suas condições estruturais “a tecelagem em grande escala requer um abrigo fixo, uma vez que o tear tende a ser grande e pesado e, portanto, difícil de transportar” (SOUZA, 2005, p. 91).

O espaço de atividades de manutenção, tais como a tecelagem, deve ser entendido como um lugar relacional inserido na lógica coletiva, que viabiliza diversas formas de interações, segundo argumenta Martí “a proposta das atividades de manutenção não pretende buscar as mulheres fora da esfera social, mas defender e demonstrar como é importante a criação cotidiana da vida nos grupos humanos” (MARTÍ, 2003, p. 221).

A associação entre política e tecelagem, para além da metáfora cômica, se evidencia na ideia de entrelaçar e unificar partes distintas, mediante uma breve separação, para em seguidas juntá-las novamente formando algo novo. Dessa forma, o trabalho da lã “compreende todas essas artes, mas ela se divide em duas, conforme separam ou reúnem: a cardagem separa, a fiação reúne; e, coisa importante, a tecelagem faz os dois” (SHEID; SVENBRO 2010, p. 28).

5. Considerações finais:

As Grandes Panatenéias ocupavam um posto deveras relevante nas vidas dos cidadãos e da população ateniense, especialmente por se tratar na ocasião na qual a polis celebrava a si mesma mediante os festejos que oferecia à sua divindade políade.

A participação das jovens nesse festival, quando incumbidas da tarefa de tecer o peplo símbolo da renovação do vínculo entre a comunidade ática, da polis dos atenienses e Palas Atena, manifesta um claro rompimento com o paradigma comportamental e político normalmente determinado pela sociedade políade.

Especialmente, nestas circunstâncias, a tecelagem ultrapassava suas finalidades objetivas enquanto um trabalho feminino, o que ocasionava significativos desdobramentos simbólicos na performance políade.

Palas Atena, a deusa patrona e destinatária do peplo, se assenhorava do domínio da tecelagem, assim como de várias atividades de igual caráter industrioso e técnico, atividade intrinsecamente relacionada com o estabelecimento da vida cívica – como bem expressa a prática de renovação do peplo, que consistia na reiteração do compromisso firmando entre a deusa, sua região e cidade.

Durante as Grandes Panatenéias, as pequenas meninas, jovens e sacerdotisas protagonizavam uma tecelagem ritualística de implicações cívicas, quando o produto final de seu trabalho - o peplo ofertado a Palas Atenas - conferia materialidade a antiga e complexa cultura política dos atenienses, que abarcava questões de identidade coletiva, práticas religiosas e civis, imaginário político e a interação entre homens e mulheres, no espaço políade.

Referencial Bibliográfico:

Documentos:

ARISTÓFANES. **A greve do sexo. (Lisístrata)**. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.

HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. Tradução de Alessandro Rolim de Moura. 22 ed. Curitiba: Segesta, 2012.

PAUSÂNIAS. **Descrição da Grécia – Livro I**. Introdução, tradução e notas de Maria de Fátima Silva. 1 ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Tradução de Mário da Gama Kury. 4 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

6.2 Bibliografia:

ANDRADE, Marta Mega. **A “cidade das mulheres”: cidadania e alteridade feminina na Atenas Clássica**. Rio de Janeiro: LHIA, 2001.

BRONISLAW, Baczko. A imaginação social. In: **Leach, Edmund et Alii**. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.pp. 296-332.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre certeza e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2002.

DETIENNE, Marcel. **Comparar o incomparável**. Aparecida: Ideias & Letras, 2004.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente.Vol.1: A Antiguidade**. Porto: Edições Afrontamento, 1990.

FINLEY, M.I. **O legado da Grécia: uma nova avaliação**. Brasília: Editora UnB, 1998.

GILBY, Dena. Weaving the Body Politic: The Role of Textile Production in Athenian Democracy as Expressed by the Function of and Imagery on the Ἐπίνητρον In: **Athens Journal of History** - Volume 7, Issue 3, julho 2021 (pp.185-202). Disponível em: <https://www.athensjournals.gr/history/2021-7-3-1-Gilby.pdf>. Acesso em 29 de abr.2023.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. Companhia das Letras: São Paulo, 1987.

GOMES, José Roberto de Paiva. **Elaborando um campo de experimentação comparada a partir das funções sociais das musicistas citaristas hetairas com as das pedagogas representadas nos vasos áticos durante a tirania dos Pisistrátidas (560-514 a. C.)** 2015. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/Programa de Pós-Graduação em História Comparada, 2005. Tese em História Comparada.

- GUERRA, François Xavier. "El renacer de la historia política:razones y propuestas. In: ANDRÉS, José Gallego (dir.) **New History, Nouvelle Historie: Hacia una nueva historia**. Madrid Actas, 1993.
- GRIMAL, Pierre. **A concise dictionary of classical mythology**. Oxford: Basil Blackwell Ltd, 1986.
- HÁLAND, Evy Johanne. Athena's Peplos: Weaving as a Core Female Activity in Ancient and Modern Greece. In: **Cosmos 20** (2004), 155-82. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/337905546_Athena's_Peplos_Weaving_as_a_Core_Female_Activity_in_Ancient_and_Modern_Greece_Cosmos_The_journal_of_the_Traditional_Cosmology_Society_20_155-182. Acesso em 29 jun.2018.
- JAEGER, Werner. **Paideia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- JONES, Peter. **O mundo de Atenas: uma introdução à cultura clássica ateniense**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- LESSA, Fábio de Souza. Expressões do Feminino e a Arte de Tecer Tramas na Atenas Clássica. In: **Humanitas**, v. 63, p.143-156, 2011. Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas63/07_Lessa.pdf> . Acesso em: 09 dez.2015.
- _____. **O feminino em Atenas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- MALHADAS, Daisi; DEZOTTI, Maria Celeste Consolin; NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). **Dicionário Grego-Português**. 5 vol. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2006.
- MARTI, Ruth Falco. **La arqueologia Del gênero: Espacios de mujeres, mujeres com espacio**. Cuadernos de Trabajos de Investigacion. Alicante: Bancaja, 2003.
- MOSSÉ, Claude. **La mujer en la Grecia clásica**. Madrid: Editorial Nerea, 1990.
- POMEROY, Sarah B. **Diosas, rameras, esposas y esclavas: mujeres en la Antigüedad Clásica**. Madrid: Ediciones Akal, 1999.
- RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. In: **cadernos pagu**, v .11, 1998: p.89-98. Disponível em: www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51202. Acesso em: 22 nov. 2015.
- SCHEID, John; SVENBRO, Jesper. **O ofício de Zeus: mito da tecelagem e do tecido no mundo grego-romano**. Porto Alegre: CMC, 2010.
- SIRINELLI, Jean-François. El retorno de lo politico. **Historia Contemporanea**, Bilbao, n.9, p. 25-35, 1993.
- SOUZA, Maria Angélica Rodrigues. **Tecendo mensagens numa trama bem urdida: mulheres atenienses**. 2005, fl. 158 Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/Programa de Pós-Graduação em História Comparada, 2005. Dissertação em História Comparada.
- THELM, Neyde. **Público e privado na Grécia do VIIIº ao IVº séc. a.C: O modelo ateniense**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1988.

ZAIMAN, Louise Bruit. As filhas de Pandora: mulheres e rituais nas cidades. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente. Vol.1: A Antiguidade**. Porto: Edições Afrontamento, 1990.